

COVID-19 – A never ending story?

Há histórias que sabemos como começam, e como terminam. Mas outras existem, como a atual pandemia, que não sabemos (ainda) como começou, e não descortinamos como irá terminar.

Depois da recente investigação local conduzida em conjunto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela China, realizada mais de um ano após a identificação dos primeiros casos de COVID-19, ficámos a saber pelo relatório divulgado em 30 de março ser “extremamente improvável” que o vírus tenha escapado de um laboratório em Wuhan, cidade onde o primeiro grande surto ocorreu no final de 2019, e que não foi (ainda) possível identificar de forma segura a provável origem zoonótica do SARS-CoV-2, nem a sua via de introdução na população humana.

Excluída qualquer outra motivação, nomeadamente política, é relevante perceber como poderá ter ocorrido a emergência deste agente patogéneo, e procurar evitar, se possível, a formação de novos reservatórios zoonóticos. Sem a pretensão de prever quando novas estirpes pandémicas poderão surgir, ou sequer antecipar o seu impacto nas populações, talvez seja possível limitar a emergência e a transmissão de novos patogéneos.

O crescimento exponencial dos casos de infeção (que são já mais de 150 milhões) e a mortalidade associada (a atingir quase três milhões de óbitos), cedo tornaram perceptível que as medidas de saúde pública aplicadas isoladamente (embora eficazes no controlo do surto inicial), dificilmente conseguiriam resolver a pandemia.

Não tendo sido bem-sucedida a busca por fármacos antivirais eficazes no tratamento da COVID-19, o investimento em ciência foi orientado para a obtenção de vacinas que desejávamos eficazes, e intervenientes de forma positiva na mortalidade, na evolução da doença, e, se possível, na prevenção da transmissão.

Agora que já temos vacina(s), o que poderemos esperar no futuro? Ao certo, não sabemos... e atentemos nas razões.

Existem dados que confirmam a efetividade da vacina, evidente na diminuição dos casos clínicos mais graves, e na redução da mortalidade, mas não existe (ainda) indício que ela possa ser tão protetora que evite a reinfeção dos já vacinados, e o posterior contágio comunitário. Esta dúvida justifica, aliás, a necessidade de os vacinados manterem as precauções não médicas indispensáveis para evitar a transmissão do SARS-CoV-2 (máscara, afastamento físico, etiqueta respiratória, higiene das mãos).

Também o aparecimento de novas variantes virais (nomeadamente as variantes B.1.351 e P.1, que possuem a mutação E484K), que conseguem iludir a linha de defesa formada pelos anticorpos induzidos pela vacina, ou pela infeção inaugural, parece ser responsável pela redução significativa da eficácia protetora de algumas vacinas (por ex. Johnson & Johnson e Novavax), e por alguns casos de reinfeção, que começam a surgir.

Não sabemos se a administração da vacina irá conferir proteção absoluta relativamente ao SARS-CoV-2, e desconhecemos ainda se a imunidade (natural ou induzida) persistirá de forma duradoura (existem dados que o demonstram relativamente ao SARS), ou se, tal como acontece após a infeção pelos quatro Coronavírus, causa do resfriado comum, ela se irá desvanecer ao fim de poucos meses (seis? oito?)... Com ensaios clínicos desenhados para darem uma resposta célere sobre a eficácia e a segurança das diferentes vacinas, não existe uma fita do tempo suficientemente longa para nos esclarecer relativamente à duração da proteção, tal como em relação aos efeitos secundários não imediatos.

Se os níveis de vacinação e de infeção na comunidade, e a evolução do vírus, não permitirem a construção de uma imunidade consistente e persistente, é provável que nos próximos tempos (anos?) o SARS-CoV-2 se torne globalmente endémico. Poderá surgir limitado a uma região, eclodir apenas em contexto sazonal (apenas nos meses frios?), ou estar mais presente no território e até no tempo, mas irá fazê-lo principalmente através de infeções ligeiras, ou até assintomáticas.



Nos próximos tempos iremos com certeza ter casos menos graves e poucas vítimas mortais, mas até que as evidências nos “salvem”, teremos de manter uma atitude cautelosa e “reservada” (máscara, afastamento físico...) nas épocas do ano em que as infeções respiratórias virais são mais frequentes, sendo ainda uma incógnita a necessidade de serem feitos reforços à vacinação contra a COVID-19.

Tantas dúvidas, e eventualmente algumas semelhanças com a gripe, justificam a inquietação... *A never ending story?*

António Silva Graça

*Infecionista. Médico do Trabalho
Segurança e Saúde no Trabalho/DGRH
Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge*